

Análise fatorial confirmatória do modelo do Questionário da Qualidade da Amizade numa amostra de jovens adolescentes Portuguesa

Miguel Freitas
António J. Santos
João Correia
Olívia Ribeiro
Eulália Fernandes

UIPCDE, ISPA – Instituto Universitário

Resumo

O Friendship Quality Questionnaire (Parker & Asher, 1993) é um instrumento que avalia a percepção que os jovens têm dos aspectos qualitativos das suas relações de amizade, concretamente em seis dimensões: Companheirismo e Recreação, Validação e Cuidado, Ajuda e Orientação, Partilha de Intimidade, Conflito e Traição, Resolução de Conflito. O objectivo deste trabalho é testar a estrutura fatorial do Friendship Quality Questionnaire (F.Q.Q.), numa amostra de 1068 jovens adolescentes portugueses, com idades entre os 10 e os 15 anos de idade. Realizou-se uma Análise Fatorial Confirmatória à estrutura hexafatorial proposta pelos autores, tendo-se concluído que o modelo final simplificado apresenta a melhor qualidade de ajustamento.

Palavras-chave: Relações de pares, Amizade, Análise factorial confirmatória.

Abstract

The Friendship Quality Questionnaire (Parker & Asher, 1993) assesses adolescents' perceptions of their friendships' qualitative features, on 6 concrete dimensions: companionship and recreation, validation and caring, help and guidance, intimate disclosure, conflict and betrayal, and conflict resolution. This study's goal is to test the Friendship Quality Questionnaire (FQQ) factor structure, on a sample of 1068 Portuguese young adolescents, aged from 10 to 15 years old. A Confirmatory Factor

Nota do autor: Os autores gostariam de agradecer a todas os jovens que aceitaram participar neste estudo, financiado em parte pela F.C.T. (PTDC/PSI-PDE/098257/2008). Os autores gostariam ainda de agradecer a todos os colegas da linha 1, Psicologia do Desenvolvimento, da UIPCDE pelos seus comentários valiosos.

A correspondência relativa a este artigo deverá ser enviada para: António J. Santos; ISPA – Instituto Universitário, Rua Jardim do Tabaco, 34, 1149-041 Lisboa; E-mail: asantos@ispa.pt

Analysis was performed on the 6 factor structure suggested by the authors and the simplified final model presented better fit.

Key-words: Peer relations, Friendship, Confirmatory factor analysis (SEM).

As relações de amizade no desenvolvimento

A literatura sobre o desenvolvimento social baseia-se na premissa de que as interações que a criança estabelece com os seus pares oferecem contributos específicos essenciais para a adaptação individual, ao promover experiências que estimulam a competência social e o desenvolvimento de relações afectivas (p. ex., Bukowski, Newcomb, & Hartup, 1998; Newcomb & Bagwell, 1995; Piaget, 1932; Rubin, Bukowski, & Parker, 2006; Santos & Winegar, 1999; Sullivan, 1953). No seio das experiências entre pares, incluem-se o contacto com sujeitos desconhecidos, interações com sujeitos familiares e também as relações estáveis e preferenciais que constituem as amizades (Howes, 1983; Torres, Santos, & Santos, 2008). Estas relações próximas proporcionam um contexto social diferente das relações de pares mais gerais, sendo as suas funções no desenvolvimento social igualmente distintas (Newcomb & Bagwell, 1995). De facto, a literatura tem demonstrado que as crianças interagem de modo diferenciado com amigos ou com outros pares (p. ex., Hartup, 1996), ao relatar, por exemplo, maior responsividade ou estratégias mais construtivas na resolução de discordâncias nas díades de amigos.

A avaliação da amizade

Os investigadores têm procurado encontrar métodos que lhes permitam avaliar, de modo fiável e válido, as diferenças nas relações de amizade ao longo do desenvolvimento. Embora haja pouco consenso sobre a melhor forma, as abordagens mais utilizadas incidem, por um lado sobre a participação do indivíduo em relações de amizade e, por outro, sobre a qualidade dessas relações (Parker & Asher, 1993).

A metodologia das entrevistas sociométricas indica (já com validade e fiabilidade a partir dos quatro anos, segundo Vaughn, Colvin, Azria, Caya, & Krzysik, 2001) não apenas o estatuto de aceitação social do indivíduo no seu grupo de pares mas também as relações diádicas existentes entre os seus elementos, ou seja, a existência de reciprocidade. No entanto, alguns autores apontam críticas a esta metodologia (p. ex., Berndt & McCandless, 2009), relativamente à conceção de amizade (como condição dicotómica ou contínua), ou a questões procedimentais, como a limitação do número de nomeações aceites (p. ex., apenas colegas da turma/escola) ou a reciprocidade nas nomeações (escolhas unilaterais ou mútuas).

Outra forma de estudar a amizade consiste no enfoque no comportamento relacionado com as funções putativas da amizade (p. ex., provisão de companheirismo, nível de partilha íntima), com as propriedades afectivas da relação, ou com o conflito e discordância. Para esse efeito, também as técnicas de observação são adequadas, apesar de pouco frequentes, principalmente devido à elevada exigência de recursos e tempo, ou à magnitude da tarefa de isolar os contributos dos membros individuais nos padrões de interacção diádica observados (p. ex., Hinde & Stevenson-Hinde, 1987).

Outra das abordagens mais comuns envolve a avaliação das características da amizade através dos auto-relatos dos indivíduos (por questionário ou entrevista). Com efeito, estas medidas permitem a revelação da perspectiva interna da díade, na medida em que o participante está familiarizado com a história e o estado actual da relação, sendo capaz de integrar os comportamentos no seu contexto mais vasto. Por outro lado, diversas interações ocorrem em contextos que não estão acessíveis a observadores externos (Furman & Buhrmester, 1985), principalmente na adolescência.

Um dos instrumentos que tem sido mais utilizado para avaliar a qualidade da vinculação é o *Friendship Quality Questionnaire* (*FQQ*; Parker & Asher, 1993), que conta, entre as suas qualidades, o facto de procurar avaliar as percepções dos sujeitos face a relações de amizade específicas e concretas – e não concepções abstratas da amizade. Ou seja, o *FQQ* e os seus itens referem-se a comportamentos reais, que ocorrem em situações verosímeis e com um amigo particular. Por outro lado, este instrumento revela as principais dimensões qualitativas que caracterizam as relações de amizade durante a infância e a adolescência. Finalmente, o *FQQ* apresenta uma estrutura conceptual complexa com boas propriedades psicométricas, bem como um procedimento de fácil de aplicação, o que o torna numa medida particularmente útil e valiosa na investigação no domínio das relações de pares.

O Friendship Quality Questionnaire (FQQ)

O *FQQ* é uma escala de auto-relato multi-dimensional, que avalia as percepções que crianças e adolescentes têm sobre as principais características qualitativas da ligação ao seu melhor amigo. A sua construção teve como objectivo incorporar os aspectos qualitativos da amizade que são consistentemente reportados pela investigação (p. ex., Asher & Parker, 1989; Berndt, 2002; Berndt & Perry, 1986; Furman, 1996; Hartup, 1996; Rubin, Bukowski & Parker, 2006): (a) as oportunidades que a relação proporciona para o jogo, brincadeira, companheirismo, recreação e diversão; (b) o nível de partilha íntima característico da relação; (c) o grau de auxílio e orientação entre os parceiros da diade; (d) o sentimento de validação pessoal e de promoção da auto-estima que os sujeitos encontram na relação. No entanto, a literatura indica igualmente que uma representação precisa da qualidade das amizades deve incluir não apenas as suas dimensões positivas, mas também dimensões negativas, como (e) os conflitos e desentendimentos que são comuns entre amigos (Laursen, 1995). Finalmente, (f) as estratégias utilizadas para a resolução desses conflitos devem ainda ser consideradas, na medida em que este factor parece ser diferenciador entre relações de pares mais próximas e mais distais (Hartup, French, Laursen & Johnston, 1993).

De modo a atingir este objectivo, os autores basearam-se num questionário semelhante desenvolvido por Bukowski, Hoza e Boivin (1987), tendo realizado alterações aos itens iniciais no vocabulário e no formato de resposta, de modo a clarificar potenciais fragilidades e ambiguidades, bem como a estrutura factorial subjacente. Para identificar subescalas no *FQQ*, realizaram uma análise de componentes principais (com rotação oblíqua) às respostas de uma amostra de 484 crianças entre o 3º e o 6º anos, que resultou em seis factores com *eigenvalues* superiores a 1 (consistentes com a estrutura prevista). Deste modo, os itens foram agrupados nas seguintes subescalas, através da sua saturação em cada um dos factores resultantes da análise de componentes principais: *Companheirismo/recreação*, *Validação/cuidado*, *Partilha de intimidade*, *Ajuda/orientação*, *Conflito/traição*, *Resolução de conflitos*. A consistência interna de todas as subescalas foi satisfatória, bem como as intercorrelações entre estas (valores *r* entre 0.16 e 0.75 de magnitude absoluta) (Parker & Asher, 1993).

Desde a sua publicação inicial, diversos estudos têm revelado resultados geralmente favoráveis das propriedades psicométricas do *FQQ*, dando conta da sua validade em diferentes idades (p. ex., Oh et al., 2008; Rose, 2002; Sebanc, 2003) e culturas, como os EUA, China, Indonésia, ou Islândia (p. ex., French, Bae, Pidada, & Lee, 2006; Kingery, Erdley, & Marshall, 2011; Svavarsdottir & Orlygsdottir, 2006; Zongkui, Dongmei, Xiaojun, & Xianfeng, 2006).

A estrutura factorial definida, consistente com os pressupostos teóricos que motivaram a construção do *FQQ*, tem encontrado estabilidade na literatura e tem sido reforçada pela proposta dos autores em agregar as suas dimensões de valência positiva (ou seja, todas exceto a dimensão Conflito/traição) num único indicador de qualidade global da relação de amizade. Com efeito, estas

dimensões apresentam habitualmente correlações fortes entre si – pelo que um valor elevado numa delas, como na intimidade, tende a reflectir-se em todas as restantes – mas, pelo contrário, a sua associação com os atributos negativos parece inexistente ou fraca (Berndt & McCandless, 2009).

Neste sentido, Rose e Asher (1999) efetuaram uma análise fatorial confirmatória (com rotação oblíqua promax) que resultou numa solução de dois fatores: os itens relativos à dimensão conflito/traição saturavam num fator, enquanto todos os outros (os de valência positiva) saturavam num segundo, que foi considerado uma categoria de qualidade positiva da amizade.

Resultados como este sugerem a necessidade de maior investigação do *FQQ*. Neste sentido, o objetivo do presente estudo consiste em avaliar a estrutura factorial do *Friendship Quality Questionnaire* (Parker & Asher, 1993) numa amostra de adolescentes portugueses. Porém, ao contrário dos estudos anteriores, que recorreram a métodos exploratórios de análise fatorial, pretendemos realizar uma análise fatorial confirmatória para avaliar a qualidade do ajustamento do modelo de medida do *FQQ*. Este método é considerado mais apropriado neste contexto, na medida em que não só é menos sensível a flutuações e anomalias específicas da amostra, como também é menos dependente de decisões heurísticamente orientadas. Assim, esperamos encontrar suporte para a estrutura hexafatorial originalmente proposta para o *FQQ* e, em particular, para a introdução de um fator de segunda ordem que explique as fortes associações entre as subescalas relativas às dimensões positivas da amizade – designado por “Qualidade da Amizade”.

Pretendemos também comparar o ajustamento do modelo de medida em função do sexo, uma vez que alguns estudos indicam diferenças qualitativas nas relações de amizade de rapazes e raparigas. Por exemplo, estas caracterizam as suas relações mais próximas com níveis superiores de partilha de intimidade, resolução de conflitos, validação e cuidado, ou ajuda e orientação (Parker & Asher, 1993). No entanto, estudos de carácter longitudinal revelam que as trajetórias da qualidade da amizade nos rapazes são mais acentuadas, pelo que, no fim da adolescência, encontram-se no mesmo patamar do que as raparigas (Way & Greene, 2006).

Método

Participantes

A amostra consistiu em 860 adolescentes (48% do sexo feminino e 52% do sexo masculino), com idades entre os 10 e os 15 anos ($M=12.31$; $D.P.=1.42$), que frequentavam o 2º e 3º ciclos do ensino básico (isto é, entre o 5º e o 9º anos), em 5 escolas na zona da grande Lisboa. A taxa de consentimento dos encarregados de educação e dos próprios jovens foi superior a noventa por cento.

Instrumento

O questionário de qualidade da amizade (*Friendship Quality Questionnaire*, Parker & Asher, 1993) é um questionário de auto-preenchimento destinado a crianças e adolescentes, que procura avaliar a qualidade da amizade acedendo às perceções que os sujeitos têm de vários aspetos qualitativos da sua melhor amizade. É composto por quarenta itens (mais um de aquecimento) que se agrupam, como já foi referido, em seis subescalas: *Companheirismo e Recreação* (os amigos passam tempo de forma agradável quando estão juntos dentro ou fora da escola); *Validação e Cuidado* (a relação é caracterizada por aspectos como o cuidar, o apoio e o interesse); *Partilha de Intimidade* (a relação é baseada na partilha de informações pessoais ou sentimentos); *Ajuda e Orientação* (esforços de ambos para se

ajudarem mutuamente ou para desempenharem tarefas desafiantes); *Conflito e Traição* (grau de discussões, discordância, aborrecimento ou desconfiança); *Resolução de Conflitos* (eficiência e razoabilidade na resolução das divergências na relação). É ainda possível obter um *score* global de qualidade da amizade, através da combinação das subescalas de valência positiva (ou seja, à exceção da dimensão *Conflito e Traição*).

É pedido aos jovens que respondam a cada item numa escala de 5 pontos, entre “nada verdadeiro” (1) e “muito verdadeiro” (5). Em sete itens a cotação é invertida (3, 9, 20, 21, 27, 31, 37), de modo que valores elevados reflitam, depois de feita a média dos itens que compõem as diversas subescalas, maior qualidade da amizade.

Procedimento

Numa fase inicial, fez-se a tradução da versão inglesa do instrumento para Português, obedecendo aos critérios referenciados para as traduções por Brislin (1980), designado de “abordagem por comité” (*committee approach*), uma metodologia para a adaptação transcultural de questionários psicológicos. Uma primeira versão foi depois aplicada a um pequeno grupo de pré-adolescentes, de forma a garantir que todos os itens eram compreensíveis e, assim, adequados (alfas entre 0.65 e 0.91).

A aplicação do questionário foi feita em grupo, na sala de aula, por investigadores familiarizados com o mesmo. Começou-se por transmitir aos sujeitos as instruções de preenchimento da escala e que deviam identificar o “melhor amigo” relativamente a quem iriam responder. Assim, pretende-se desencorajar que as respostas sejam dadas com base num estereótipo de relação, ou numa relação de amizade idealizada ou ainda em diferentes amizades.

Resultados

Análise estatística

A estrutura fatorial do *FQQ* numa amostra de adolescentes portugueses foi avaliada através de uma análise fatorial confirmatória com o *software* AMOS (v.18, SPSS Inc, Chicago, IL). Tendo em conta que este é um modelo de segunda ordem, seguimos uma estratégia confirmatória em dois passos, tal como sugerido na literatura (Byrne, 2010; Kline, 2011; Schumacker & Lomax, 2004). Deste modo, inicialmente, o modelo de primeira ordem foi testado e ajustado, tendo sido posteriormente introduzido o fator de segunda ordem “Qualidade da amizade”, com cinco fatores associados (as cinco dimensões positivas da qualidade da amizade).

A fiabilidade compósita enquanto indicador da fiabilidade de constructo e a variância extraída média (VEM) por cada fator como indicador da validade convergente foram avaliadas como descrito em Fornell e Larcker (1981). A validade discriminante dos fatores foi avaliada pela comparação das VEM com os quadrados da correlação entre os mesmos. A existência de *outliers* foi avaliada pela distância quadrada de Mahalanobis (D^2) e a normalidade das variáveis pelos coeficientes de assimetria (*sk*) e curtose (*ku*) nas suas formas uni- e multivariada. A qualidade de ajustamento global do modelo fatorial foi avaliada de acordo com os índices e respectivos valores de referência descritos na Tabela 4.1 de Marôco (2010), nomeadamente: o teste do Qui-quadrado de ajustamento (χ^2/df), o *Comparative Fit Index* (CFI), o *Parsimony Comparative Fit Index* (PCFI), o *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA, $P[rmsea \leq 0.05]$), o *Akaike Information Criterion* (AIC) e o *Modified*

Expected Cross-Validation Index (MECVI). A qualidade do ajustamento local foi avaliada pelos pesos fatoriais e pela fiabilidade individual dos itens. O ajustamento do modelo foi feito a partir dos índices de modificação (superiores a 11; $p < .001$) produzidos pelo AMOS e com base em considerações teóricas. Posteriormente, os resultados globais das subescalas foram obtidos com base na matriz dos resultados e pesos fatoriais.

A análise preliminar revelou que nenhuma variável apresentou valores de Sk e Ku indicadores de violações severas à distribuição Normal ($|Sk| < 3$ e $|Ku| < 10$, ver Marôco, 2010). Seguidamente, o modelo hexafatorial original do *F.Q.Q.* foi ajustado a uma amostra de 860 adolescentes, tendo revelado uma qualidade de ajustamento sofrível ($\chi^2(731)=2649.25$; $\chi^2/df=3.62$; $CFI=.90$; $PCFI=.84$; $RMSEA=.05$; $P[rmsea \leq 0.05]=.000$; $AIC=2907,25$; $MECVI=3.4$).

De modo a melhorar o ajustamento do modelo, foram eliminadas setenta observações cujos valores de D^2 sugeriam tratar-se de *outliers* ($p1$ e $p2 < .001$), pelo que foram excluídas da análise fatorial confirmatória. Foram igualmente removidos os itens 4, 10 e 41 (“*Validação e Cuidado*”), bem como o 29 (“*Partilha de Intimidade*”), cujos índices de modificação sugeriam a saturação em fatores diferentes dos sugeridos na versão original do FQQ. Finalmente, foram também incluídas trajetórias no modelo entre os resíduos dos pares de itens 2 e 19, 2 e 23, 7 e 23 (“*Companheirismo e Recreação*”), 5 e 30, 12 e 15, 13 e 15, 13 e 30 (“*Validação e Cuidado*”), 17 e 39, 24 e 33, 24 e 34, 28 e 32, 28 e 33, 32 e 36 (“*Ajuda e Orientação*”), 38 e 40 (“*Partilha de Intimidade*”), 9 e 21, 9 e 37 e 21 e 37 (“*Conflito e Traição*”), 11 e 26, 26 e 35 (“*Resolução de conflito*”).

Desta forma, obteve-se uma qualidade de ajustamento boa ($\chi^2(566)=1299.41$; $\chi^2/df=2.30$; $CFI=.96$; $PCFI=.86$; $RMSEA=.04$; $P[rmsea \leq 0.05]=1$; $AIC=1571.41$; $MECVI=2.01$), em suporte da validade fatorial do *FQQ*. Adicionalmente, este modelo simplificado apresentou uma qualidade de ajustamento significativamente superior à do modelo original na amostra sob estudo ($\chi^2_{dif}=1349.84 > \chi^2_{.095}(165)=195.97$; $AIC=2907.25$ vs. 1571.41), bem como índices de parcimónia consideravelmente menores ($MECVI=3.4$ vs. 2.01).

A Tabela 1 indica os valores do modelo simplificado, nomeadamente dos pesos fatoriais estandardizados e da fiabilidade individual de cada um dos itens, bem como da fiabilidade compósita dos fatores e ainda da variância extraída média (VEM), um indicador da sua validade convergente. Como se pode constatar, todos os itens apresentam pesos fatoriais estandardizados iguais ou superiores a 0.5, revelando que todos os fatores apresentam validade fatorial. Por outro lado, também a fiabilidade compósita se revelou elevada, com todos os valores superiores a 0.7 e, finalmente, a VEM, ao apresentar todos os valores superiores a 0.5, é também adequada.

Seguidamente, tendo em conta as elevadas correlações encontradas entre os fatores (Tabela 2), bem como a proposta teórica de um *score* global que aglutine as dimensões positivas da amizade, foi testado um modelo hierárquico de segunda ordem, com a introdução do fator de segunda ordem “Qualidade da amizade”.

Os resultados demonstram também uma boa qualidade de ajustamento deste modelo ($\chi^2(570)=1399.31$; $\chi^2/df=2.46$; $CFI=.95$; $PCFI=.86$; $RMSEA=.04$; $P[rmsea \leq 0.05]=1$; $AIC=1663.31$; $MECVI=2.13$). Por outro lado, os pesos fatoriais das diferentes dimensões que constituem o fator latente de segunda ordem “Qualidade de amizade” são, todos eles, fortes (Tabela 1). Estes valores revelam, no entanto, uma qualidade de ajustamento inferior à do modelo simplificado de primeira ordem. Ainda assim, permitem sustentar a validade fatorial proposta pelos autores de uma dimensão global de qualidade de amizade, que se reflete nas suas diferentes subdimensões. O modelo hierárquico de segunda ordem pode ser, então, assumido como o Modelo Final (MF).

Tabela 1

Pesos Factoriais Estandarizados e Fiabilidade Individual dos Itens, Fiabilidade Compósita e Variância Extraída Média (VEM) das Dimensões do FQQ

	Item	λ	λ^2	FC	VEM	λ^*
Companheirismo e recreação	2	.61	.37	.85	.54	.91
	7	.63	.40			
	19	.84	.71			
	22	.51	.26			
	23	.62	.38			
Validação e cuidado	5	.76	.57	.93	.66	.94
	6	.74	.54			
	8	.69	.47			
	12	.78	.60			
	13	.61	.37			
	15	.78	.60			
	30	.74	.54			
Ajuda e orientação	17	.83	.68	.96	.73	.96
	18	.81	.65			
	24	.75	.57			
	28	.69	.48			
	32	.85	.73			
	33	.74	.55			
	34	.76	.58			
	36	.85	.72			
	39	.72	.51			
Partilha de intimidade	14	.84	.71	.94	.76	.89
	16	.83	.69			
	25	.68	.46			
	38	.80	.64			
	40	.85	.73			
Resolução de conflitos	11	.76	.58	.86	.67	.89
	26	.81	.65			
	35	.62	.38			
Conflito e traição	3	.84	.71	.94	.69	-
	9	.69	.47			
	20	.89	.78			
	21	.56	.32			
	27	.78	.61			
	31	.83	.69			
	37	.60	.36			

Nota. λ : Peso Factorial; λ^2 : Peso Factorial Estandarizado; FC: Fiabilidade Compósita; VEM: Variância Extraída Média; *Valores do modelo hierárquico de segunda ordem.

Tabela 2

Correlações entre as Dimensões do FQQ

	1.	2.	3.	4.	5.	6.
1. Companheirismo						
2. Validação	.81**					
3. Ajuda	.92**	.89**				
4. Intimidade	.80**	.87**	.87**			
5. Resolução de Conflitos	.80**	.91**	.82**	.77**		
6. Conflito	.06	.14*	.04	.07	.16*	

Nota. ** $p < .001$, * $p < .01$.

Tabela 3

Avaliação da Qualidade do Ajustamento do Modelo em função do sexo

	χ^2	<i>p</i>	χ^2/df	CFI	PCFI	RMSEA	<i>p</i>
Feminino	1071.99	.000	1.88	.94	.85	.05	.87
Masculino	1054.48	.000	1.85	.94	.85	.05	.89

Finalmente, foi também testada a estrutura fatorial proposta separadamente para o sexo feminino e masculino, tendo revelado uma qualidade de ajustamento boa em ambos os casos, como se pode verificar na Tabela 3.

Discussão

O presente trabalho propôs como objetivo testar, pela primeira vez numa amostra portuguesa, um instrumento já amplamente divulgado e utilizado em diferentes países e culturas, no âmbito da investigação das relações de amizade. Para isso, foi realizada uma análise fatorial confirmatória, no contexto dos modelos de equações estruturais, sendo este o primeiro estudo que reporta o recurso a esta abordagem.

Os resultados obtidos nesta amostra de adolescentes permitem, de facto, suportar a estrutura hexafatorial do *Friendship Quality Questionnaire* proposta por Parker e Asher (1993), com índices de ajustamento que sustentam a boa qualidade do modelo e ainda com valores que reforçam a sua fiabilidade e validade. Adicionalmente, foi testado um modelo com um fator hierárquico de segunda ordem – a “Qualidade da amizade” – que revelou igualmente um bom ajustamento aos dados, sendo suportado pela estrutura correlacional observada na amostra sob estudo. Finalmente, efetuou-se uma análise em função do sexo, que demonstrou resultados igualmente satisfatórios para sujeitos tanto do sexo feminino como do sexo masculino.

Assim, conclui-se que os itens do *FQQ* se organizam em seis constructos que são apontados pela literatura como características importantes da amizade ao longo do desenvolvimento e, em particular, na adolescência, como o companheirismo, a intimidade ou o conflito (p. ex., Rubin, Bukowski, & Parker, 2006). Por outro lado, os nossos resultados indicam também que as dimensões positivas das relações de amizade estão fortemente correlacionadas. Este facto é consistente com a literatura que demonstra que uma amizade com níveis elevados numa dada dimensão positiva tende a apresentar valores igualmente elevados nas restantes dimensões de valência positiva (Berndt & McCandless, 2009). Desta forma, os resultados parecem também sustentar a noção de que estas dimensões podem organizar-se em torno de um outro constructo, concretamente, a qualidade da amizade, tal como é sugerido pela literatura (Fordham & Stevenson-Hinde, 1999; Parker & Asher, 1989; Rose & Asher, 1999; Rubin, Wojslawowicz, Rose-Krasnor, Booth-LaForce, & Burgess, 2006).

Deste modo, o instrumento parece revelar-se adequado nesta amostra, pelo que poderá constituir-se como um recurso valioso para o estudo da relação de amizade, da sua qualidade e dimensões, na população adolescente portuguesa. Com efeito, este método apresenta ao investigador algumas vantagens importantes, o que se reflete na sua vasta e frequente utilização nos últimos anos. Desde logo, possui a conveniência própria da investigação por inquérito, que se manifesta não só na rapidez de preenchimento, como também na facilidade que proporciona em aceder a uma amostra de dimensão considerável e com variabilidade nas características (por exemplo, a grande amplitude etária encontrada na amostra do presente trabalho).

Por outro lado, este questionário está alicerçado na importância teoricamente sustentada (e já descrita) de centrar o estudo das relações sociais próximas num dos três eixos principais propostos por Hartup (1996), as propriedades da amizade e a sua qualidade – neste sentido, tal permite deixar de considerar apenas a influência do amigo, enquanto indivíduo (e das suas características), mas passar a considerar também a influência da própria amizade, isto é, da *relação* entre os indivíduos (Berndt, 2002).

O *Friendship Quality Questionnaire*, enquanto instrumento de auto-preenchimento, permite ao investigador estudar este fenómeno a partir de uma perspectiva intra-subjetiva, isto é, de uma visão interna da relação. Assim, tal confere-lhe acesso a informação valiosa – que dificilmente poderia atingir partindo de uma perspectiva mais objetiva – como o significado intra-pessoal da relação para cada parceiro (por exemplo, o sentimento pessoal de validação), ou aspetos pouco frequentes ou difíceis de observar por professores, pais ou investigadores (como a traição, o conflito ou a intimidade).

Neste sentido, constitui igualmente uma potencialidade desta medida a possibilidade de captar a perspectiva não apenas de cada indivíduo, mas também de ambos os membros da díade, contribuindo para uma visão mais apurada da relação. No entanto, o recurso ao relato dos sujeitos coloca também outros desafios na compreensão das experiências de amizade de crianças e adolescentes, já que existem duas realidades subjetivas, que podem nem sempre coincidir (Parker & Asher, 1993). Esta discrepância poderá ser um indicador de que a díade não co-construiu um significado partilhado do comportamento de cada membro, talvez devido a diferentes necessidades, expectativas ou experiências no seio da relação (Parker & Asher, 1993; Rubin, Fredstrom, & Bowker, 2008).

Finalmente, os dados encontrados e aqui reportados devem ser replicados – preferencialmente, com uma amostra não só de dimensão superior, mas também com características socioeconómicas e geográficas mais heterogéneas –, de modo a reforçar a validade e fiabilidade do *Friendship Quality Questionnaire*, bem como a sua adequação para a realidade Portuguesa. Neste sentido, consideramos que será pertinente testar a concordância com outras medidas (como a observação), que garantam uma avaliação da qualidade da amizade tanto objetiva como intra-subjetiva (Rubin et al., 2008). Sugerimos também para futuros trabalhos aprofundar o estudo da validade concorrente ou da validade preditiva dos fatores identificados. De igual modo, poderá ser interessante realizar uma análise mais fina à qualidade do modelo para diferentes idades, na medida em que as provisões, desafios e tarefas da amizade podem apresentar variabilidade ao longo do desenvolvimento.

Referências

- Berndt, T. J. (2002). Friendship quality and social development. *Current Directions in Psychological Science (Wiley-Blackwell)*, 11(1), 7-10. doi:10.1111/1467-8721.00157
- Berndt, T. J., & McCandless, M. A. (2009). Methods for investigating children's relationships with friends. In K. H. Rubin, W. M. Bukowski, & B. Laursen (Eds.), *Handbook of peer interactions, relationships, and groups* (pp. 63-81). New York, NY: Guilford Press.
- Berndt, T. J., & Perry, T. B. (1986). Children's perceptions of friendships as supportive relationships. *Developmental Psychology*, 22(5), 640-648. doi: 10.1037/0012-1649.22.5.640
- Byrne, B. M. (2010). *Structural equation modelling with AMOS: Basic concepts, applications, and programming*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

- Brislin, R. (1980). Translation and content analysis for oral and written material. In H. Triandis & J. Berry (Eds.), *Handbook of cross-cultural psychology* (vol. 2, pp. 389-444). Needham Heights, MA: Allyn and Bacon.
- Bukowski, W. M., Newcomb, A. F., & Hartup, W. W. (1998). *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence*. New York, NY: Cambridge University Press.
- Fordham, K., & Stevenson-Hinde, J. (1999). Shyness, friendship quality, and adjustment during middle childhood. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 40(5), 757-768. doi: 10.1111/1469-7610.00491
- Fornell, C. & Larcker, D. F. (1981). Evaluating structural equation models with unobserved variables and measurement error. *Journal of Marketing Research*, 18(1), 39-50.
- French, D. C., Bae, A., Pidada, S., & Lee, O. (2006). Friendships of Indonesian, South Korean, and U.S. college students. *Personal Relationships*, 13(1), 69-81. doi: 10.1111/j.1475-6811.2006.00105.x
- Furman, W. (1996). The measurement of friendship perceptions: Conceptual and methodological issues. In W. M. Bukowski, A. F. Newcomb, & W. W. Hartup (Eds.), *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence* (pp. 41-65). New York, NY: Cambridge University Press.
- Furman, W., & Buhrmester, D. (1985). Children's perceptions of the personal relationships in their social networks. *Developmental Psychology*, 21, 1016-1024. doi: 10.1111/1467-8624.ep7251652
- Hartup, W. W. (1996). The company they keep: Friendships and their developmental significance. *Child Development*, 67(1), 1-13. doi: 10.1111/1467-8624.ep9602271141
- Hartup, W. W., French, D. C., Laursen, B., & Johnston, M. K. (1993). Conflict and friendship relations in middle childhood: Behavior in a closed-field situation. *Child Development*, 64(2), 445-454. doi: 10.2307/1131261
- Hinde, R. A., & Stevenson-Hinde, J. (1987). Interpersonal relationships and child development. *Developmental Review*, 7, 1-21. doi:10.1016/0273-2297(87)90002-5
- Howes, C. (1983). Patterns of friendship. *Child Development*, 54(4), 1041-1053. doi:10.1111/1467-8624.ep12432775
- Kingery, J. N., Erdley, C. A., & Marshall, K. C. (2011). Peer acceptance and friendship as predictors of early adolescents' adjustment across the middle school transition. *Merrill-Palmer Quarterly*, 57(3), 215-243.
- Kline, R. (2011). *Principles and practices of structural equation modeling* (3rd ed.). New York, NY: The Guilford Press.
- Laursen, B. (1995). Conflict and social interaction in adolescent relationships. *Journal of Research on Adolescence*, 5(1), 55-70. doi: 10.1207/s15327795jra0501_3
- Marôco, J. (2010). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software e aplicações*. Pêro Pinheiro, Portugal: ReportNumber.
- Newcomb, A. F., & Bagwell, C. L. (1995). Children's friendship relations: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 117(2), 306-347. doi: 10.1037/0033-2909.117.2.306
- Oh, W., Rubin, K., Bowker, J., Booth-LaForce, C., Rose-Krasnor, L., & Laursen, B. (2008). Trajectories of social withdrawal from middle childhood to early adolescence. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 36(4), 553-566. doi: 10.1007/s10802-007-9199-z
- Parker, J. G., & Asher, S. R. (1989). Peer relations and social adjustment: Are friendship and group acceptance distinct domains? In W. M. Bukowski (Ed.), *Properties, processes, and effects of*

- friendship relations during childhood and adolescence. Symposium conducted at the biennial meeting of the Society for Research in Child Development.* Kansas City, MO.
- Parker, J. G., & Asher, S. R. (1993). Friendship and friendship quality in middle childhood: Links with peer group acceptance and feelings of loneliness and social dissatisfaction. *Developmental Psychology, 29*(4), 611-621. doi: 10.1037/0012-1649.29.4.611
- Piaget, J. (1932). *Le jugement moral chez l'enfant*. Paris, PUF: Bibliothèque Philosophie Contemporaine.
- Rose, A. J. (2002). Co-rumination in the friendships of girls and boys. *Child Development, 73*(6), 1830-1843. doi: 10.1111/1467-8624.00509
- Rose, A. J., & Asher, S. R. (1999). Children's goals and strategies in response to conflicts within a friendship. *Developmental Psychology, 35*(1), 69-79. doi: 10.1037/0012-1649.35.1.69
- Rubin, K. H., Bukowski, W. M. & Parker, J. G. (2006). Peer interactions, relationships, and groups. In N. Eisenberg, W. Damon & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology: Vol. 3, Social, emotional, and personality development* (6th ed., pp. 571-645). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons Inc.
- Rubin, K. H., Fredstrom, B., & Bowker, J. (2008). Future directions in... Friendship in childhood and early adolescence. *Social Development, 17*(4), 1085-1096. doi: 10.1111/j.1467-9507.2007.00445.x
- Rubin, K. H., Wojslawowicz, J. C., Rose-Krasnor, L., Booth-LaForce, C., & Burgess, K. B. (2006). The best friendships of shy/ withdrawn Children: prevalence, stability and relationship quality. *Journal of Abnormal Child Psychology, 34*(2), 143-157. doi: 10.1007/s10802-005-9017-4
- Santos, A. J., & Winegar, L. T. (1999). Child social ethology and peer relations: A developmental review of methodology and findings. *Acta Ethologica, 2*(1), 1-11. doi:10.1007/PL00012226
- Schumaker, R., & Lomax, R. (2004). *A beginner's guide to structural equation modeling* (2nd ed.). New Jersey, NJ: Psychology Press.
- Sebanc, A. M. (2003). The friendship features of preschool children: Links with prosocial behavior and aggression. *Social Development, 12*(2), 249-268. doi: 10.1111/1467-9507.00232
- Steele, R., Little, T., Ilardi, S., Forehand, R., Brody, G., & Hunter, H. (2006). A confirmatory comparison of the factor structure of the Children's Depression Inventory between European American and African American youth. *Journal of Child and Family Studies, 15*(6), 773-788. doi: 10.1007/s10826-006-9054-9
- Sullivan, H. S. (1953). *The interpersonal theory of psychiatry*. New York, NY: W. W. Norton & Co.
- Svavarsdottir, E. K., & Orlygsdottir, B. (2006). Health-related quality of life in Icelandic school children. *Scandinavian Journal of Caring Sciences, 20*(2), 209-215.
- Torres, N., Santos, A. J., & Santos, O. (2008). Qualidade da vinculação ao pai e à mãe e o desenvolvimento da amizade recíproca em crianças de idade pré-escolar. *Análise Psicológica, XXVI*(3), 435-445.
- Vaughn, B. E., Colvin, N. T., Azria, M. R., Caya, L., & Krzysik, L. (2001). Dyadic analyses of friendship in a sample of preschool-age children attending Head Start: Correspondence between measures and implications for social competence. *Child Development, 72*(3), 862-878.
- Way, N., & Greene, M. L. (2006). Trajectories of perceived friendship quality during adolescence: The patterns and contextual predictors. *Journal of Research on Adolescence, 16*(2), 293-320. doi: 10.1111/j.1532-7795.2006.00133.x
- Zongkui, Z., Dongmei, Z., Xiaojun, S., & Xianfeng, D. (2006). Children's experiences with peers and loneliness: A two-year longitudinal study. *Acta Psychologica Sinica, 38*(5), 743-750.

Anexo I*FQQ*

	1	2	3	4	5
	Nada Verdadeiro	Um pouco Verdadeiro	Verdadeiro	Bastante Verdadeiro	Muito Verdadeiro
1. Eu e o (a) _____ moramos muito perto um do outro.					1 2 3 4 5
2. Eu e o (a) _____ sentamo-nos sempre juntos durante o almoço.					1 2 3 4 5
3. Eu e o (a) _____ ficamos furiosos um com outro muitas vezes.					1 2 3 4 5
4. O (A) _____ diz-me que eu sou bom a fazer coisas.					1 2 3 4 5
5. Se outros colegas falam de mim nas minhas costas, o (a) _____ defende-me.					1 2 3 4 5
6. Eu e o (a) _____ fazemos com que cada um de nós se sinta importante e especial.					1 2 3 4 5
7. Eu e o (a) _____ escolhemo-nos sempre um ao outro para parceiros nas coisas.					1 2 3 4 5
8. Se o (a) _____ magoa os meus sentimentos, ele (ela) pede-me desculpa.					1 2 3 4 5
9. Eu sei que o (a) _____ às vezes diz coisas más de mim a outros colegas.					1 2 3 4 5
10. Posso sempre contar com o (a) _____ para ter boas ideias de jogos para nós brincarmos.					1 2 3 4 5
11. Se eu e o (a) _____ ficarmos zangados um com o outro, falamos sempre sobre o modo como ultrapassar essa zanga.					1 2 3 4 5
12. O (A) _____ gostará sempre de mim, mesmo que as outras crianças não gostem.					1 2 3 4 5
13. O (A) _____ diz-me que eu sou bastante esperto.					1 2 3 4 5
14. Eu e o (a) _____ contamos sempre um ao outro os nossos problemas.					1 2 3 4 5
15. O (A) _____ faz-me sentir bem com as ideias que tenho.					1 2 3 4 5
16. Quando estou zangado com alguma coisa que me aconteceu, posso sempre contar ao (à) _____ o que se passa.					1 2 3 4 5
17. Eu e o (a) _____ ajudamo-nos muito um ao outro com pequenas tarefas.					1 2 3 4 5
18. Eu e o (a) _____ fazemos favores especiais um ao outro.					1 2 3 4 5

cont. →

Anexo I (cont.)

19. Eu e o (a) _____ fazemos coisas muito divertidas.	1	2	3	4	5
20. Eu e o (a) _____ discutimos muito.	1	2	3	4	5
21. Eu nunca posso contar com o (a) _____ para cumprir uma promessa.	1	2	3	4	5
22. Eu e o (a) _____ vamos a casa um do outro.	1	2	3	4	5
23. Eu e o (a) _____ brincamos sempre juntos durante o recreio.	1	2	3	4	5
24. Quando tenho dificuldade em fazer alguma coisa, normalmente peço ajuda e opinião ao (à) _____	1	2	3	4	5
25. Eu e o (a) _____ falamos das coisas que nos deixam tristes.	1	2	3	4	5
26. Eu e o (a) _____ fazemos facilmente as pazes quando brigamos.	1	2	3	4	5
27. Eu e o (a) _____ brigamos muito.	1	2	3	4	5
28. Eu e o (a) _____ estamos sempre a partilhar coisas como canetas, brinquedos e jogos, um com o outro.	1	2	3	4	5
29. Se eu e o (a) _____ estamos zangados um com o outro, falamos sempre do que poderíamos fazer para nos sentirmos melhor.	1	2	3	4	5
30. Se eu contar um segredo ao (à) _____, sei que posso confiar que ele (ela) não conta a ninguém.	1	2	3	4	5
31. Eu e o (a) _____ chateamo-nos um ao outro muitas vezes.	1	2	3	4	5
32. Eu e o (a) _____ temos sempre boas ideias na forma de fazermos as coisas.	1	2	3	4	5
33. Eu e o (a) _____ estamos sempre a emprestar coisas um ao outro.	1	2	3	4	5
34. O (A) _____ ajuda-me nas coisas de modo a que eu consiga despachar-me.	1	2	3	4	5
35. O (A) _____ e eu terminamos as nossas discussões muito depressa.	1	2	3	4	5
36. Eu e o (a) _____ contamos sempre um com o outro para termos boas ideias para fazermos as coisas.	1	2	3	4	5
37. O (A) _____ não ouve as minhas opiniões.	1	2	3	4	5
38. Eu e o (a) _____ contamos muitas coisas privadas um ao outro.	1	2	3	4	5
39. Eu e o (a) _____ ajudamo-nos muito um ao outro com o trabalho da escola.	1	2	3	4	5
40. Eu e o _____ contamos segredos um ao outro.	1	2	3	4	5
41. O (A) _____ importa-se com os meus sentimentos.	1	2	3	4	5